

*COMO SAIR DE UMA LAGOA DE PATHOS?*

Narrativa de um mergulho



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Alessandra da Costa Kasprezak

***COMO SAIR DE UMA LAGOA DE PATHOS?***

**Narrativa de um mergulho**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial à obtenção do título de Psicóloga

Orientadora: Simone Zanon Moschen

Comentadora: Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

Porto Alegre, novembro de 2016

## RESUMO

A escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso parte de uma experiência de *pathos* e trilha uma saída do sofrimento pela via da narrativa. A partir do saber da experiência, busca-se pensar a formação em psicologia, tomando como elementos os ventos, as ondas, as areias. O pensamento sentido acerca da presença é transversal na elaboração.

Palavras-chave: Experiência. Formação. Narrativa. *Pathos*. Presença.





LISTA DE FOTOGRAFIAS  
(por ordem de aparecimento)

*Neblina*

*Presságio*

*Desterritorialização à vista*

*Areia e olhar*

*Pegada e tempo*

*Aproveitando os ventos*

*O que aconteceu são ventos.*

*Meu desejo de contar a partir do que se passou é motor.*

*(Com isso, mais diversos fatores co-moventes que desconheço.)*

*Sei que o chão é líquido.*

*Palavras moventes se aventuram a escrever caminhos.*

*Se vou me afundar por essas águas?*

*N ã o s e i.*

*Afundar é um dos riscos da navegação, a ele posso estar atenta, usar algumas boias.*

*É o que se pode fazer.*

*Há um tanto de impreciso quando se precisa navegar, e os ventos podem ser imprevisíveis*

*(a ponto de nem serem levados em consideração).*

*Deve ser por sua invisibilidade.*

*O vento não se deixa ver, escapa, corre fugidio.*

*(Mas deixa pistas da sua existência pelas marcas que faz por onde passou.)*



Saíra do barzinho para ir para casa escrever. Estava indo de “uber” pela orla.

De repente avisto pela janela esquerda uma onda gigante se formando, e no segundo seguinte essa onda já chegou até o carro, que perde o chão firme e sua direção. A visibilidade fica muito reduzida, o que víamos perdeu os contornos, parece que estamos em meio a uma chuva muito forte. Percebo que do lado direito da pista há muitas árvores. O carro vai deslizando, o motorista não tem como conduzir, apenas consegue segurar um tanto o volante. Tenho medo de não sobrevivermos, minha sensação é de que vamos bater nas árvores por causa da água que tomou a estrada de concreto. Sinto estar gritando, ainda que esteja em silêncio. Momento de desespero e atenção que se prolonga, até que, não sei como, conseguimos atravessar e chegar a algum lugar firme novamente. Vejo que a onda destruiu muitas construções, mas estamos vivos.

Aí o desconhecido que me levava me explica. Diz que tem experiência com esse tipo de coisa e que, quando acontece algo assim, o controle é que faz o acidente. Nessas horas, tem que se mover com essa força, seguir seu fluxo para tentar sair num desvio mais adiante. Se frear ou tentar a direção contrária, aí é certo que não sobrevive. O jeito de resistir é ser flexível.

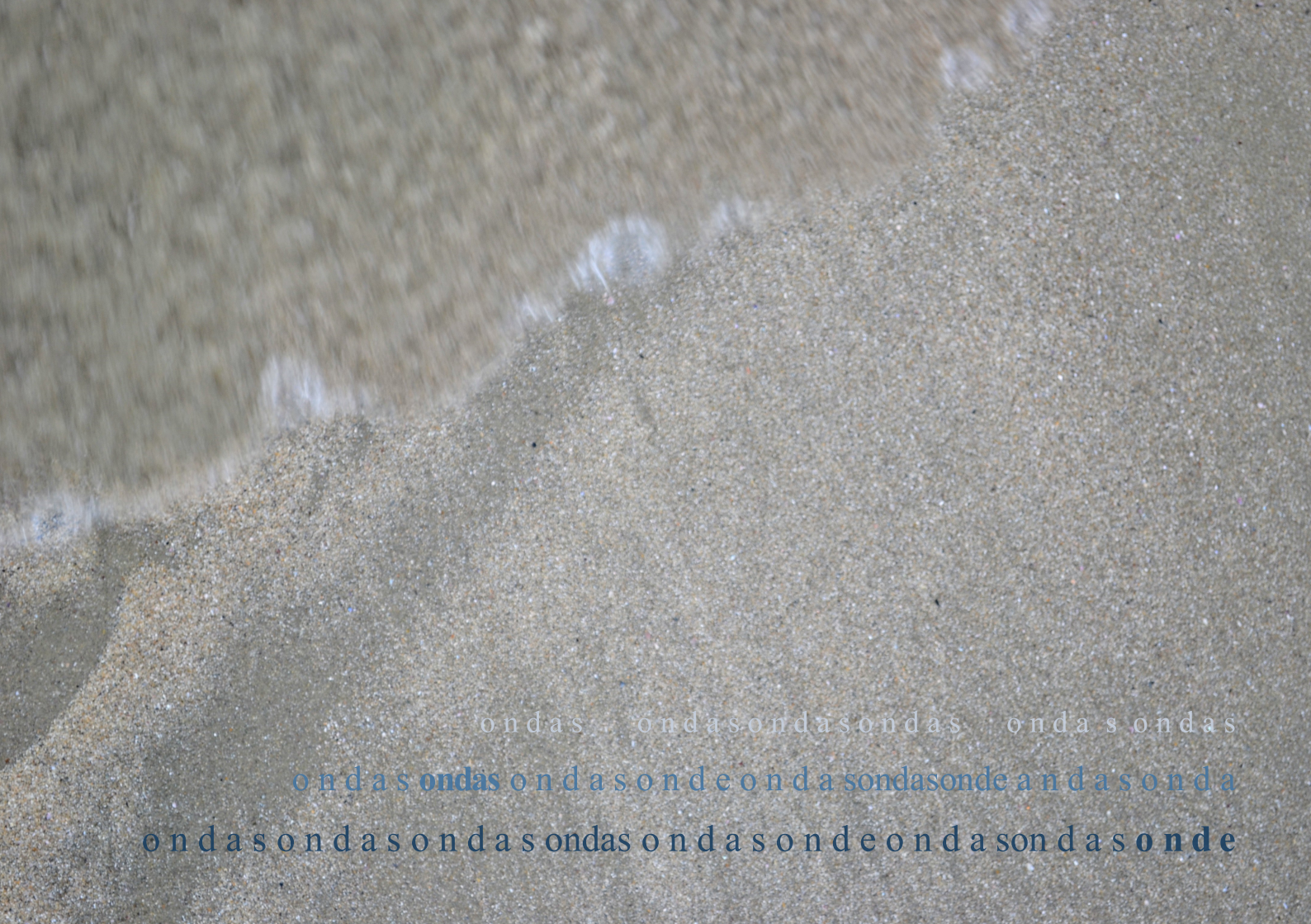
Acordei atordoada. Era muito real, assustador.

Respirei fundo e me assegurei de que, naquele momento, estava em território conhecido e em chão seco, o que me permitiu voltar a dormir ainda algum tempo.

Esse sonho aconteceu na noite do dia em que percebi que precisava contar a história que se segue.

A sabedoria do motorista estava em saber que ele não tinha como ter controle de todos os fatores. Tem horas em que é preciso se deixar mover por um fluxo mais forte, fazer a travessia com e por essa força, para poder sair em outro ponto.

Acho que era isso que o desconhecido me indicava.



ondas ondas ondas ondas ondas  
ondas ondas ondas ondas ondas  
ondas ondas ondas ondas ondas



### **Fazia meses que João vinha antecipando setembro.**

A cada dia úmido, chuva abundante e vento bem ventado, falava de seu pavor do tempo do mês de setembro. Mas ainda era julho ou agosto. Eu ria disso, e essa brincadeira funcionava pra espantar o mau humor, que às vezes pode ser pior que mau tempo. A mim, setembro trazia as cores da primavera, os ipês floridos em rosa, roxo, amarelo. Lembrava das chuvas nos dias dos desfiles, esses incomodando muito mais do que as águas em precipitação.

Era quinta-feira, dia seguinte ao feriado da tal independência (comemoração que tinha soado ainda mais estranha na conjuntura do país). Estava indo pra aula quando encontrei Mara e Ana no pátio da faculdade. Estava com saudade das duas e saudade das tardes livres. Permiti me demorar com elas, viver o encontro casual. **Fazia um dia bonito demais** para estar em sala de aula, e então passamos a tarde juntas em meio à grama, conversando e admirando as árvores, não todas floridas, mas belas em seus ciclos. Tempo privilegiado e saboroso.

Já findava nosso encontro quando vejo a ligação de João. Me liga “só para que eu fique avisada”. Uma amiga de sua mãe entrou em contato com ele porque não falava com ela havia alguns dias. Sua mãe e o padrasto (Marcelo) tinham viajado para um camping em que costumavam ir, na beira da Lagoa dos Patos. João ligou para lá e aí soube que o pessoal não os via desde segunda, quando tinham ido pescar de barco.

Devem-ter-ido-acampar-em-algum-outro-lugar-logo-voltam.

Marcelo-disse-que-retorna-ao-trabalho-na-próxima-segunda-tá-tudo-certo.

Eles-costumam-fazer-isso-de-sumir-uns-dias-ficar-sem-celular-normal.

É-bem-o-tipo-deles-mesmo-daqui-a-pouco-estão-por-aí.

Mas... tem comida na mesa da cabana... não parece que saíram para demorar tantos dias...

E... essa semana teve ciclone extratropical... lembra?

Nesse setembro, a primavera demorou a chegar. E setembro durou muito muito, com certeza mais de mês. E ainda segue durando, em sua inapreensível dureza.

Perdi o chão quando João me ligou.

Me perdi no tempo, não sabia para onde ir, esqueci do compromisso que tinha em seguida.

João tentou ainda uma racionalidade que dissesse que estava tudo ok, que podia seguir com o curso das atividades do dia. Mas logo ficou impossível fazer qualquer coisa que não fosse saber ou buscar saber do paradeiro da Jô e do Marcelo.

**Nos encontramos para pensar-sentir os passos seguintes.**

Um desaparecimento era algo realmente inusitado em nossas vidas.

E, além de inusitado, um grande problema.

O que fazer nessa situação? Digo, o que fazer para saber deles, encontrá-los?

Naquela quinta-feira à noite fomos na Delegacia para registrar ocorrência do desaparecimento.

Um policial nos perguntava sobre a ocasião em que isso tinha acontecido, registrava, pensava que caminhos possíveis para fazer a busca, as limitações, o pouco que se sabia. Falar nos fazia perceber a gravidade da situação. “Já ligaram para os hospitais? Delegacia de lá? IML? Qual foi a última vez que alguém falou com eles? Conseguem me passar fotos para eu registrar no sistema? Amanhã já vai ter chegado o boletim de ocorrência lá na Delegacia de Tapes, eles já estarão sabendo. Vou também falar com um colega da Delegacia Especializada de Desaparecidos daqui de Porto Alegre pra ver no que ele pode ajudar, é um caso urgente.”

Enquanto isso, alguns outros trabalhadores que ali estavam riam, conversavam sobre homicídios do dia e chamavam os outros para o intervalo, queriam seguir com o churrasco que estavam fazendo. Sentíamos ali um descompasso: ao mesmo tempo, nos víamos respeitados por aquele que nos atendia e desrespeitados pelo descaso dos demais colegas. Era irritante pela situação pessoal que estávamos vivendo, mas também nos causava desconforto perceber que tinham se acostumado às mortes violentas. Seria uma estratégia de sobrevivência no cotidiano de trabalho?

Já era quase meia-noite quando saímos cansados da Delegacia.

Combinamos com minha mãe de pegarmos emprestado o carro para viajarmos no dia seguinte. João ligou ainda para Adriano, amigo próximo, para saber se podia nos acompanhar na viagem. Queria estar perto de pessoas queridas, caso tivesse **acontecido “o pior”**. Daiana, nossa amiga e namorada de Adriano, também se dispôs a ir junto.

Saímos de Porto Alegre cedo na sexta-feira. É uma estrada bonita que leva a Tapes, ainda mais em dias de sol. Por alguns momentos íamos conversando sobre alguns assuntos variados e quase esquecíamos da circunstância que nos levava por aquele caminho. Havia alguns dias que não nos encontrávamos todos e estávamos querendo combinar uma viagem juntos, mas certamente não aquela.

Chegando ao camping, logo chegaram também amigos da Jô: Acélia, amiga há mais de 30 anos, foi quem tinha sentido que algo não ia bem. Desde segunda estava angustiada porque ela e Jô não ficavam um dia sem conversar. Jana, filha de Acélia, foi quem entrou em contato com João e também estava ali, com Gabriel e Júlia, seus filhos. Todos estávamos muito abalados. Gabriel e Júlia falavam da Jô e do Marcelo como madrinha e padrinho.

Entramos na cabana de lona pela tela da janela que o pessoal do camping tinha cortado, não queriam arrombar a porta. Alguma comida em cima da mesa, panela no fogão, celular na estante, marcas de um lugar que estava sendo habitado. Sensação estranha de estar invadindo a casa na ausência de alguém que logo volta.

Cacaoio, do camping, diz que vai falar com uns amigos pescadores para conseguirem um barco. Gabriel, com seus 19 anos e formação militar, olha pra João, naquele chamado de homem-pra-homem, e diz: “e eu e tu, vamo junto lá”. João em um primeiro momento confirma. Depois eu o questiono, onde já se viu sair assim de barco por uma lagoa procurando a mãe? Seria ainda mais gente pra termos que resgatar. Lembro de uma viagem que fizemos para Ilha Grande em dia de tempo ruim e nossos embrulhos estomacais. Sair nessa errância vomitando daria o tom cômico da cena.

Queremos saber dos Bombeiros, alguém que tenha condições físicas e emocionais de percorrer uma lagoa em busca de pessoas e pistas. Bel, recepcionista do camping, nos explica que em Tapes os bombeiros são voluntários, pessoas que trabalham em outras atividades e, quando necessário, são bombeiros, por amor à causa. Possivelmente só poderão ir lá depois do expediente normal. Diz que algum parente seu é um deles e entra em contato.



Não demora até que cheguem já fardados e com barco dois bombeiros, muito solícitos e dispostos. Perguntaram o que sabíamos, a última vez que alguém tinha falado com eles, para onde costumavam ir, como era o barco, que roupa usavam, etc etc etc.

Não entendemos bem, mas um deles não poderia trabalhar e precisava de uma carona até a base do Corpo de Bombeiros, outra pessoa iria em seu lugar. Entendemos que tinha a ver com as eleições da cidade, e que havia uma disputa em relação ao funcionamento dos bombeiros, que são de três tipos: os militares, os civis e os voluntários. Toda uma discussão de política pública em jogo, e de parte de uma política pública sobre a qual ainda não tinha pensado. Ele fala com paixão em defesa de sua corporação. Acha esse funcionamento mais de acordo com a necessidade local e ressalta como vantagens o caráter comunitário e a ausência de custos para a população. Além disso, antes dos voluntários assumirem, não tinha quem fizesse esse serviço no município. **Ainda estou meio impressionada** com essas diversas vinculações possíveis para os bombeiros, mas estranho esse jeito voluntariado, em que o que pode estar acontecendo é tão somente precarização do Estado e dos vínculos de trabalho. Mas simultaneamente a esse clichê que se coloca mais evidente-gritante aos meus olhos-ouvidos de estudante-de-Psicologia-que-estuda-política-pública, a empolgação de sua fala faz vibrar e se tornar audível algo de um jeito de relação que parece insistir para além das políticas estatais instituídas.

Depois disso é que vamos na Delegacia, saber o que a Polícia já está fazendo.

“Viemos de Porto Alegre, fizemos ocorrência lá, meus pais estão desaparecidos”, diz João.

**Não entendem** muito o que estamos fazendo ali. Perguntamos se o boletim de ocorrência chegou, se deram encaminhamento. Nos passam ao inspetor.

“Hmmmmm, um casal saiu de barco para pescar e não se tem notícias deles desde segunda?”

“Pois é, são meus pais. A gente soube ontem, fez a ocorrência lá em Porto Alegre e viemos agora de manhã pra cá”, diz João.

“Ah. A gente não tem o que fazer, aqui na Delegacia não temos pessoal, só eu pra investigar, não tenho barco, a gente não faz busca... Mas assim, os corpos demoram um tempo até subir na água. Tem que esperar, vai uns quatro-cinco dias, às vezes uma semana. Quando tiver corpo, aí a Polícia entra. Recolhe o corpo, manda pra funerária. Isso fica tranquilo que o Estado paga.”

Sáímos

eu

João

Daia

Adriano

em silêncio.

Depois de um tempo, tento: “Caso a gente tivesse precisando de um joelhoço...”. E **nisso** já nos interpela um jornalista local, figura que se alimenta dos boatos na porta da delegacia:

“É verdade que a Delegacia não quis fazer o boletim de ocorrência pra vocês?”

“Não, **não é verdade.**”

“Mas como é, o candidato a vereador vai ou não trabalhar como bombeiro? Parece que o partido fez uma reunião e decidiu que ele não pode... Que confusão, hein.”

A menos de um mês das eleições municipais, nos damos conta de que nosso problema, que parecia tão pessoal, revolve tensões na cidade. A obviedade dos conflitos no ar e o quanto os desconhecíamos visibilizava nossa condição de estrangeiros, não só no que dizia respeito à situação vivida, mas também no tocante àquela localidade, às relações ali existentes.

Queríamos encontrar Jô e Marcelo, descobrir pistas, saber o que estava acontecendo, mas não sabíamos bem o que e como buscar. Parecia se tratar de alguma *d e r i v a* em busca de achados.

Ainda não tínhamos decretado a morte, como o fez tão definitivamente o inspetor, ainda que sentíssemos que era pouco provável que pudessem estar vivos. A questão é que a gente não tinha nem pista do onde. Será que estavam, necessariamente, em água? Sabíamos de outras vezes em que tinham levado uma barraca para acampar em outra praia. Poderiam estar em algum outro lugar, ter ficado em uma situação ruim em terra. Ainda que o barco tivesse afundado, poderiam estar ainda vivos, precisando de resgate? Se sim, aí corríamos contra o tempo. Mas onde estariam? Para onde teriam ido quando saíram pela última vez? Em que direção iniciar? As pessoas da região sabiam que por aqueles dias o vento tinha ido a nordeste. Ainda que tivesse virado nos últimos dias, por segunda ou terça estavam para aquela direção. “Mas vocês não tem ideia do que foram os ventos, era quase 100 km por hora”.

Vamos tentando fazer um mapeamento e traçar alguns indicadores.

Bel tinha conversado com eles na segunda um pouco antes do meio-dia, disseram que estavam indo pescar e combinaram de ela devolver uns filmes na locadora, já que eles não voltariam a tempo e era no caminho dela. Aruka, trabalhador do camping, disse que em algum dia, não lembrava qual, disseram que queriam ir pro “40”, “estava bom de peixe por lá”. Esse lugar fica na direção ao sul, perto de onde existe um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Outra pessoa que os viu em alguma das vezes em que saíram de barco disse que seguiram reto na lagoa, o que apontava uma possibilidade de terem ido para o outro lado da enseada, na direção leste. Só não lembrava que dia que tinha sido, achava que segunda. Então alguém releva que sair reto é a instrução para navegar, a direção só se dá um pouco mais água adentro. Sem que soubéssemos, a direção informada estava codificada, o que alargava nosso lugar de estrangeiro, desconhecedores também do território da água e da navegação.

Já que não podíamos contar com a Polícia, então a aposta eram os Bombeiros, que naquela tarde já iniciaram uma varredura aquática. Jana, Gabriel e Aruka foram ver se descobriam algo no assentamento, onde não foram bem recebidos e de onde voltaram com a fala defensiva de que lá “não havia ladrão”, manifestação de um tensionamento em torno do MST. João, eu, Adriano e Dai nos ocupamos de ligar ligar ligar. Contatos telefônicos para diversos órgãos públicos na expectativa de que pudessem colaborar em algo. Em não conseguindo nada além de mais **esperas**, fomos vendo que precisávamos avisar outros familiares da Joceli e do Marcelo.

Os irmãos e a cunhada da Jô que moravam em um município próximo chegaram ainda durante a tarde, muito sensibilizados. Com tranquilidade de gente do plantio e da colheita, foi possível conversarmos e sentirmos saudade comendo laranjas-do-céu que tio Juarez trazia da sua terra.

A irmã do Marcelo que fora avisada logo telefonou para seu pai e as outras irmãs, e era noite quando chegaram em Tapes. Tinham saído de suas atividades do jeito que estavam e se deslocaram apressados para o camping, precisando estar perto o mais rápido possível. Mas naquele dia as buscas já tinham terminado, não havia muito o que pudessem fazer.

**O que foi possível** foi nos juntarmos em roda para conversar, em torno de vinte pessoas que lá estávamos. Compartilhávamos ali o que se sabia, o que tinha sido feito, o que precisava ser feito, hipóteses, ideias, intuições, combinações. Ali vivíamos o óbvio da impossibilidade de pensar como outra pessoa. Podíamos imaginar o que imaginávamos que eles pensariam, e isso era o mais perto possível. Mas cada pessoa que os conhecia imaginava o que eles imaginariam de um jeito diferente, o que ia constituindo uma multiplicidade de Jocelis e Marcelos.

Eu e mais alguns já tínhamos saído da cabana quando ouvimos o som alto e melódico de uma voz rouca. Lá dentro tinham-se reunido algumas pessoas, com crenças umbandistas, católicas, evangélicas, e faziam uma reza conjunta. Agrupados estávamos entre gente com e sem fé religiosa, e dentre as religiosidades, múltiplos credos se faziam presentes. Concepções que demarcam diferentes entendimentos sobre a morte e sobre a vida, o que implica também diferentes modos de narrar e de sofrer que compunham aquela coletividade.



No sábado, a **expectativa** é que chegassem Bombeiros Voluntários de outras cidades para trabalhar junto. Vinham equipes de longe trazendo barcos, e quando os punham na água não funcionavam, ou funcionavam por pouco tempo. Algum tempo de trabalho até conseguirem “desafogar o motor”, quando era possível.

Nesse dia havia muita gente no espaço público da praia. Equipes de resgate e busca, amigos e familiares da Jô e do Marcelo, tapenses a aproveitar a praia, curiosos, jornalistas. Já havia sido noticiado no dia anterior o desaparecimento e a procura de um casal na Lagoa dos Patos, mas a imprensa agora insistia no pedido dos nomes. Dizia-se que muitas pessoas da região estavam preocupadas que fossem seus parentes. Apesar de em um primeiro momento querer-se manter o anonimato, vimos que isso já não era possível. Avaliamos que essa divulgação poderia ser importante, até para que amigos que não conseguiríamos acessar pudessem ser avisados.

A tarde de sábado estava quente e com céu de poucas nuvens.

Em outro ponto da praia, era possível avistar algumas crianças brincando, se banhavam, riam.

O ângulo do sol deixava tudo meio amarelado, aquela luz característica de quase primavera,  
que mistura intensidade e nostalgia.

Um bonito lugar para se estar, caso se tratasse de um sábado de folga.

**Já era** final do dia quando eu e João fomos para uma parte da areia  
em que não ouvíamos o burburinho da busca e da imprensa.

Ali foi possível ouvir o silêncio.

r e s p i r a r

sentir

o chão

de

a r e i a

g r o s s a

*o vento*

*que ia ficando*

*mais frrrrrrrrrio*

os últimos

raios

de sol

**Perceber-sentir a natureza** nos possibilitava perceber-lembrar que também a compomos. Pode ser da nossa natureza artificializante a construção de ferramentas, como barcos, bússolas, varas de pesca, roupas, folhas, canetas, linguagem, mas isso de modo algum nos tira o humano animal que somos.

Naquele momento, o pensar que se sente nos fazia entender que eles tinham morrido naquele lugar. Lugar que vibrava ciclos, propagava vida. Permanência e impermanência.



João disse que gostava muito da água, lhe desagradava que ela passasse a ter essa marca.

Começamos a pensar sobre esse gosto... A lembrar de quanto sua mãe e Marcelo adoravam ir para a lagoa e para lugares de pesca. Havia poucos meses tinham praticado mergulho em uma viagem e voltaram encantados. Jô tinha se aposentado há pouco no Departamento de Água e Esgotos (DMAE) em Porto Alegre, onde trabalhara muitos anos fazendo análise química da água. Inclusive foi lá que ela e Marcelo se conheceram.

Lembramos que no verão passamos uns dias com ela no camping, e em uma das tardes ela foi pescar no trapiche, disse que podíamos ir visitá-la. Já era noite quando fomos. Ventava muito e fazia frio. (Diz-se que os ventos, as águas e as areias mudaram bastante desde que instalaram grandes plantações de pinus do outro lado da enseada.) A lua entre cheia e minguante clareava a água. Jô estava pescando vestindo roupas de dia quente, ventos e ondas batiam forte e ela seguia ali, em uma luta e uma paixão intensas. Sentíamos presenciar algo muito íntimo. Demos um oi e voltamos rapidinho, impactados com aquela força.

Não era à toa o interesse de João pelas águas, sua mãe era muito ligada a esse elemento e lhe transmitia esse gosto. Diferente do que em uma primeira impressão podia parecer, esse era um pertencimento que mais trazia proximidade do que distância.

Mas... e se tinham morrido ali, e já tínhamos entendido isso, por que ter que encontrar os restos de um corpo que se decompunha, se misturando à paisagem? O que estava em questão nessa necessidade?

Essa característica humana de criação de rituais nos fazia pensar se a materialidade do corpo sem vida humana era imprescindível para o entendimento da morte.

Alguns filmes que tínhamos visto nos ajudavam a pensar rituais de morte que fossem na água.

Em um deles<sup>1</sup>, coloca-se em cena a morte de um pescador, que morreu no mar e no mar é sepultado pela população do pequeno povoado. Havia uma grande carga religiosa nesse ritual, mas o que mais nos tinha marcado era que se lançava o corpo à água depois do funeral, o que se difere das práticas costumeiras na nossa região, em que os enterros são mais comuns. Aliás, falar de “enterro” até soa estranho, porque os sepultamentos atuais geralmente não são feitos na terra, mas em gavetas de concreto, verdadeiros arquivos mortos.

Imagens de outro filme<sup>2</sup> também me vinham com nitidez. Enredo com poucos personagens: uma mulher tinha morrido e seu marido pedia a um amigo auxílio para um rito fúnebre de acordo com sua

---

<sup>1</sup> “Contracorriente”, lançado em 2010, dirigido pelo peruano Javier Fuentes-León. No filme, as áreas de praia são extensas, e o espaço litorâneo é o lugar da vida pública e ao mesmo tempo o lugar daquilo que fica escondido.

<sup>2</sup> “Ovsyanki”, filme russo de 2010, com direção de Aleksey Fedorchenko. Título adaptado para o português: “Almas Silenciosas”.

cultura, quase desaparecida, a não ser na memória dos descendentes que ainda a faziam viver. O ritual envolvia eles mesmos prepararem o corpo morto, levarem-no até a beira de um lago da localidade, atear fogo e depois lançarem as cinzas à água. As cenas do ritual transcorriam com atenção e silêncio, mas ao longo do filme conversas pontuais e memorialísticas iam acontecendo.

Na situação em que estávamos, essas narrativas nos ofereciam um alento e faziam desvio ao imaginário afirmado pelo cinema norte-americano, em que, em caso de acidente, havia sempre a postos uma rede de resgate e busca, disponível e em condições favoráveis de trabalho.

Naquela conversa, em que o ocorrido era tão recente e ao mesmo tempo já tão duradouro, João e eu fomos percebendo que “o pior” já não era eles terem morrido. O pior era a suspensão que o desaparecimento instalava, palavra que tomava sentidos tão vastos quanto sua sensação. E se ao longo dos dias não aparecessem? As buscas seriam suspensas? O estado de suspensão não seria suspenso?

Nesse caso, como fazer um ritual, na potência da coletividade que ele carrega, que pudesse dar conta de um registro da morte? Ritualidade que permitisse que os vivos seguissem com vida?

Nos lembrávamos dos desaparecidos políticos e dos casos de desaparecimentos de crianças. Como ficam as questões jurídicas, os registros? Seria possível uma declaração de óbito?

Eram perguntas que nos angustiavam e para as quais ainda não era tempo de se ter respostas. Inclusive, queríamos (se é que era possível querer algo naquele contexto) que tudo se resolvesse do modo mais clichê possível e que nem precisássemos daquelas respostas.

Isso me lembrava “K”<sup>3</sup>, livro em que, no primeiro texto, o personagem fala das cartas destinadas à sua irmã desaparecida que não deixam de chegar, mesmo depois de mais de trinta anos de ausência. Ao longo daquelas páginas, também parece vir impressa nos vazios outra questão: **para onde enviar as cartas** que ele gostaria de escrever à irmã?

---

<sup>3</sup> “K - Relato de uma busca”, escrito por Bernardo Kucinski, que teve sua irmã desaparecida durante a ditadura civil-militar. Lançado em 2011 pela editora Expressão Popular e em 2014 pela Cosac Naify.

Já era noite e fazia frio, outras pessoas queridas tinham-se juntado a nós, inclusive Kelly (filha de Jana) e seu filho Juliano, de quatro anos. Preparávamos a janta em clima de silêncio e tensão, enquanto o pequeno ia pedindo mais e mais folhas para que pudesse desenhar. Até que ele avista as tantas varas de pesca no canto da casa:

“Mãe mãe mãe, eu quero pescaaar!

Amanhã eu quero tomar banho de praia! E pescar!! Deixa? Deixaaaa????”.

As notícias do dia em relação ao desaparecimento e às buscas não mais de “um casal”, mas da Joceli e do Marcelo, seguiam repercutindo. Muitas pessoas entravam em contato assustadas, tristes, duvidosas que aquilo pudesse estar acontecendo. Cada pessoa tinha seu tempo de reação, suas perguntas, suas sugestões, suas fés. Falava da última vez que tinha falado com eles, os planos futuros em conjunto. Uma amiga da Jô que nos contatou conta que a última vez que falara com ela tinha sido no fim da tarde de segunda. Antes, a última informação que tínhamos deles era de segunda de manhã. Ela diz que a Jô estava bem alegre, risonha. Disse que tava chovendo bastante, e que estavam pescando: “Dois loucos pescando no meio do mato!”.

Saber dessa ligação relançava condições de espera nos que estavam acampados e em busca. Até ali, ainda não se tinha delimitado alguma área da enseada de Tapes, mas o “mato” podia ser um indício de localização e também um indicativo para que se tivesse equipes de resgate em terra.

Mas onde seria o tal “mato”? Dentre os que ali estavam, variados conceitos apareciam. Os de fora da cidade olhavam mapas e imagens de satélite apontando alguns lugares, e os da cidade diziam onde era mato, onde era campo.

Como entender o que a palavra de alguém nomeia se já não é mais possível perguntar para aquele que nomeia?

Desde sábado, João já queria voltar para Porto Alegre, achava que não havia muito o que fazer por ali. Adriano e Dai nos deram apoio para que continuássemos lá ainda no fim de semana.

Depois da informação sobre a ligação, acordamos no domingo com a expectativa de “é hoje!”.

Era cedo quando cruzamos por entre as árvores para olhar a lagoa, e nos deparamos com a impossibilidade de enxergá-la. Olhos viam um branco luminoso que parecia ausência e parecia portal. (Lembro-me que dizem que os esquimós têm muitas palavras para caracterizar “branco”.) O barulho dos barcos chegou antes da imagem, e aos poucos os olhos foram enxergando que o branco brilhoso era a lagoa imersa em neblina. Tudo se fazia lagoa e tudo se fazia neblina quando se estava distante. De perto, e especialmente dentro da água, é que era possível perceber a diferenciação. Diferente das lagoas que já tínhamos visto naqueles dias naquela Lagoa, aquela estava com águas muito tranquilas, porque a neblina impedia a passagem dos ventos e a formação das ondas.

Naquele dia, pra quem não era de busca aquática, um dos planos eram as tentativas de conseguir pistas pelo rastreamento da rede do celular, o que precisava ser feito por pedido de liminar da Delegacia via pedido judicial. O policial da Delegacia Especializada de Desaparecidos já tinha nos sugerido insistir nisso, e a informação sobre a ligação no final da tarde tornava esse dado importante. O problema é que a Delegacia em Tapes só abria durante dias úteis, então o plantão era em outra cidade, o que tornava essa estratégia quase inviável.

Entre angústias, íamos combinando e organizando as atividades que precisavam ser feitas, as quais abarcavam inclusive cozinhar para um batalhão. Em torno do meio da manhã daquele dia cinza com baixas temperaturas, sons muito altos começaram a vir do camping ao lado. Depois de algum tempo de incômodo, fui falar com Bel para saber do que se tratava, e ela indignada me explica que era um campeonato municipal de som automotivo. Ela tinha proposto aos organizadores o adiamento, mas disseram que não seria possível. Foi nesse mesmo dia que o prefeito foi fazer uma visita ao posto estabelecido na praia nos manifestando solidariedade e apoio.

A competição do evento pelo mais alto barulho contrastava com os silêncios impronunciáveis que se instalavam entre nós. As batidas do som violentavam o corpo que já estava frágil. Ficar irritada era o modo como eu ainda conseguia existir.

Voltar a Porto Alegre por algum mínimo tempo que fosse ia se tornando uma urgência e uma estratégia de sobrevivência.



Quando chegamos em nossa cidade no domingo à noite, a sensação era estranha, os olhos estavam preparados para outras luzes, os ouvidos cansados. Muito carro e muita gente na rua, correria, “pega-ladrãããao-pega-pega-mataaaa”, “nãããã-solta-ele!”, “Brigada-tá-vindoo”, na esquina do prédio de João, onde chegávamos. Aí o cansaço se alarga, porque são entristecedores do viver esses modos de não convívio, as violências cotidianas que se alastram em diferentes níveis e que tramam relações sociais em que não se visualiza redução de conflitos a curto prazo. Ainda que esse tipo de cena tenha se tornado corriqueiro aos sentidos acostumados, o contexto de onde vínhamos evidenciava que essas ondas sonoras eram ainda mais gritantes do que as provenientes dos campeões do som automotivo.

Em Porto Alegre, a sensação era de ser estrangeira, a cidade parecia não ser mais a mesma, mas sabia-se que era nós que estávamos estranhos.

Se demorou até voltarmos a Porto Alegre, agora havia uma certa dificuldade para sair, pois outro ciclone extratropical se armava e na estrada havia chuva de granizo. Essas intempéries também impediam as buscas de barco na Lagoa, e assim se fazia o que se podia.

Muitas pessoas entravam em contato, queriam notícias. Deus estava presente nas conversas, estaria cuidando deles, ia ficar tudo bem. Mas sabíamos que ficar tudo bem era uma opção não disponível. Por um longo tempo a notícia é que não havia notícia, e assim passaram-se dias.

Na proximidade com a Lagoa, foi-se fazendo ver as variações, as sutilezas, as armadilhas. O que se faz olhar vai então transformando os olhos, instaurando visibilidades não antevistas.

Durante a espera e a procura, naquele coletivo heterogêneo outras **redes iam se constituindo**. Redes que não eram as da política pública instituída, nem as de pesca, muito menos as de descanso, mas redes de afetos, de cuidado, uma afirmação do estar junto. Encontros e conversas iam sendo tentados, tateados. O desamparo fazia surgir vínculos que não preexistiam à situação que nos levava até ali, e íamos ensaiando articular os diferentes modos de sofrer e de fazer com o sofrimento, exercício de compor, negociar, compartilhar.

Impressionava-me a disposição dos bombeiros voluntários, não entendia como conseguiam ser tão incansáveis na tarefa. Ao longo daqueles dias foi-me ocorrendo que as equipes seguiam buscando não por uma aposta de encontrar Jô e Marcelo com vida (ainda que afirmassem querer muito isso), mas para que aquele coletivo de amigos e familiares tivesse possibilidade de continuar vivendo.

Na quinta-feira, encontraram na água os restos do corpo da Jô.

Ali tive a certeza de que nunca mais ouviria o som de sua risada, e isso doeu.

Junto à dor, um alívio se fazia sentir, porque indicava uma finalização daquela suspensão.

Com a certeza do fato da morte, pelo menos já era possível criar uma versão sobre o que teria ocorrido com eles, irmos para outro momento do luto.

Se podemos considerar a morte a ausência da presença, talvez o desaparecimento seja a **ausência da ausência**. E se a morte tem um sentido de ausência da presença talvez demarque também a presença da ausência. E é por essa ausência que se manifesta também a **presença da presença**: as pertencas, os detalhes, os rastros de uma pessoa a constituir as da sua volta parecem se fazer sentir com mais força (era assim que eu sentia muito viva a presença da Jô em mim e nas outras pessoas).

Tristeza, silêncio e espera se estenderam até o início de sábado, quando as equipes acharam o corpo do Marcelo sem vida humana.

Na noite de sábado, última daquela etapa em Tapes, fomos à praia pouco depois que a lua apareceu no horizonte. Estava cheia, amarelada. A luz que refletia na lua se refletia na água, fazendo um rastro pela lagoa. Do outro lado do céu sem nuvens, ainda se via o brilho de muitas estrelas. Era uma noite em que o vento só se fazia sentir pela melodia delicada de pequenas ondas molhando a areia.

Adriano, Daia, João e eu ficamos por um tempo em silêncio, contemplativos.

Naquele momento, sentia meu corpo vibrar com a força sutil daquela praia.

**Sentia um amor imenso.**

Imaginamos Jô e Marcelo com seu barquinho em meio àquela paisagem, pescando, cercados pelas águas e sustentados por elas. Rimos.

Como seria o som do silêncio por lá?

Será que era a busca por essa sensação a paixão que os movia a navegar?

Lembro-me que a pesca é uma atividade do **silêncio**.

É também atividade da **espera**: nada parece acontecer, até que acontece.

Mas é sabido que cada pescador tem seu jeitinho de lançar a linha...



CONSTRUÇÕES DE AREIA



No primeiro semestre da faculdade de Psicologia fiz uma cadeira eletiva que incluía uma visita-observação para pensar relações de gênero e sexualidade em algum espaço, a partir da qual escrevíamos um relato de campo e depois um trabalho de articulação teórica. Uma colega (que depois saiu da cadeira e da faculdade) tinha muita vontade de se aproximar dessas relações no contexto da umbanda. Topei ir com ela, fizemos as combinações com um terreiro (território que eu desconhecia) e lá fomos. Aquela visita me tocou muito, tinha verdade naquele modo de conviver. Mas depois eu não sabia dizer das relações de gênero e sexualidade dali, era um primeiro contato, algo de que eu estava me aproximando e que queria respeitar em sua complexidade. Fui buscar bibliografias e descobri que tinha uma imensidão de conhecimento escrito sobre o tema. Não conseguia ler tudo, não conseguia compor com o que tinha visto sem forçar articulações que não eram necessariamente o que tinha vivido. Julgava que faltava Foucault e outros tantos autores; me endureci com aquele não saber e rodei na disciplina por não ter entregue o trabalho final.

Ao mesmo tempo, também cursava Psicopatologia e Cultura, em que a proposta de trabalho era uma escrita-leitura de alguma produção da cultura, sobre a qual o professor nos convidava a fazer um texto mais autoral. Escrevi sobre “O Livro dos Abraços”, do Eduardo Galeano, em que ele trata da memória, em seu sentido pessoal e coletivo, como coisa viva, movente. É sua posição ética e política de dar voz ao que restaria emudecido. Naquela leitura comentada que fiz, escolhi reunir alguns textos em que o autor se colocava não só como ouvinte de histórias, mas se inseria mais diretamente na escrita, falando da grande história a partir da sua própria, em seus encontros, sonhos, impressões, desejos.

Rememoro esse trabalho e me vejo agora fazendo algo nessa direção.

Agora, ao final da graduação, lembrar de um começo com um certo fracasso que já deformava minha forma anterior se desdobra em condição de possibilidade para feitura desta escrita recheada de referências incorporadas. Referências que participam de um corpo construído ao longo de um percurso com a psicologia que se compõe e se decompõe com e a partir do que vai encontrando, em constantes processos de desabamentos e reconstruções, desterritorializações e reterritorializações.

Talvez aqui essas referências que compõem a paisagem sejam um tanto como **areia**, que pode servir como anteparo às águas, ainda que **afetada** por elas. Quando se está em meio a lagoas e mares, a areia serve de referência ao se fazer borda e assoalho, indicando limites à água. Como base, um chão arenoso nem sempre é fácil de ser percorrido e deixa rastros de suas partículas no corpo do caminhante, que com vazios demarca o chão com a memória de suas pegadas.

Em um olhar de longe, areia é areia, quase homogênea (se não fosse pelas conchinhas). Mas com um olhar mais minucioso, percebe-se que, em cada contexto, a areia é um **coletivo** com singular arranjo, coloração, dimensão dos sedimentos: são grãos de um complexo híbrido histórico, geográfico, biológico, geológico, formado no tempo por erosão, conflito de forças, vento, correnteza. Areia é multidão de **elementos heterogêneos** em processos constantes de deformação e travessia.

É assim o terreno arenoso da psicologia, que se constitui no arranjo de múltiplos elementos. Em uma primeira mirada, existe A psicologia. Depois é que vamos nos aproximando e constatando, ao longo de um percurso formativo, que, entre areias nômades e areias já tornadas pedras, existem heterogeneidades discursivas que compõem muitas psicologias, as quais se misturam a outras matérias, formando conjuntos de saberes-grãos e espaços vazios por onde existem vidas menores.

Nem sempre as transições entre os diferentes arranjos são perceptíveis ao primeiro olhar, mas o que se sabe é que cada elemento a mais ou a menos altera e equaciona as graduações dos demais. Interessante notar que os elementos presentes na areia de uma determinada localidade também estão presentes em terrenos distantes, de modo que, ainda que formada por elementos semelhantes, em outro lugar trata-se sempre de outra singularidade arenosa.

Nessa caminhada com a psicologia, entendo que existem duas dimensões da formação. Uma que trata de um certo mapa conceitual-teórico-genérico da matéria, e outra que trata de um fazer com, ou seja, de uma experimentação que se faz em contexto.

Nesse sentido, um entendimento sobre a matéria de que estamos nos aproximando se ocupa de um enfoque investigativo compreensivo acerca do terreno/campo de atuação: que areia é essa, **combinação única, ao mesmo tempo diferente e semelhante** de todas as outras areias? De onde vem? De que se forma? É sabido que são perguntas-guia, inapreensíveis em sua totalidade: a areia escapa por entre os dedos, voa com os ventos, é tragada pela água.

Mas além de perguntas em torno do entendimento, podemos nos colocar também questões acerca de um fazer com essa matéria, pois é **em suas diferentes possibilidades de composição-criação-disposição que a areia esculpida pelas forças vai tomando outras formas sendo cimento, tijolo, vidro, superfície de escrita, matéria de brincar** (formas ainda informes que necessitam de mais forças para se formarem construções).

Tornando mais palpável essa matéria: em um dispositivo psi propriamente dito, como uma oficina ou a escuta em psicoterapia, entendo que os caminhos que marcam a areia e o caminhante se potencializam quando a dimensão do entendimento e a da criação andam juntas. Por ora uma com passo mais rápido que outra ou com paradas, constituindo-se mutuamente em incontáveis **jogos de saber e não saber** que, quando quase vão ser encerrados, são reavivados com a frase da criança desejosa: “de novo!”, que desmancha a brincadeira para continuar com o impalpável do brincar que lhe constitui.

Talvez o que se transmite na formação em psicologia seja algo como a constância do **gesto de fazer e refazer** construções de areia nos terrenos arenosos, com as ferramentas que se tem.

Dito ainda de outro modo, podemos dizer que **conhece-se na curiosidade da caminhada** pelo terreno, nas possibilidades de rearranjo do chão e de criação a partir dele, consideradas as limitações antevistas e as tentativas que se desdobrarão mais em saber do que em sucesso. (O terreno aqui pode ser uma instituição, um grupo, um trabalho, um lugar, um coletivo, uma pessoa, etc etc.)

Constato o entrelaçamento dessas dimensões da formação acadêmica em psicologia na compreensão de situações do cotidiano. Refletindo sobre o acontecimento que narrei, por exemplo, podemos considerar que, durante a espera (em que as ampulhetas não cessavam de ter suas areias caindo em gravidade), era possível se aproximar mais de um entendimento acerca daquele coletivo arenoso que era Tapes e suas construções-relações. Era ali que também iam se fazendo composições, formas singulares com as areias de nossas paisagens, o que funcionava como tentativas de dar borda a tanta água. Eram modos de conhecer que se enredavam: novas recombinações de elementos ampliavam a compreensão da matéria dos elementos e vice-versa. Na constituição das relações conhecíamos mais a cidade, a nós mesmos e construimos uma coletividade, de modo que essas relações contextuais se desdobravam também em novas referências.

Nos dias que se seguiram à volta de Tapes, sentia ainda a sensação da presença-absoluta daquela imersão, o corpo ainda encharcado por aquelas águas e com aquelas areias coladas à pele. Meu corpo transformado volta para a sala de aula e para suas cadeiras, mas estranha esses lugares de chão firme. Sensação de que esse espaço segue uma continuidade do que era, mas algo em mim está diferente. Retorno às aulas de uma das disciplinas na tarde em que duas estudantes indígenas falam sobre a cosmovisão de seus povos. Nesse entendimento, elas explicam que a luta dos indígenas não é apenas por seu povo, porque entendem que o “coletivo indígena” (expressão que preferem utilizar) não se refere apenas às pessoas, mas também à mata, aos rios, aos animais e aos variados elementos em relação mútua que compõem a natureza. Elas falavam da dificuldade de estar no contexto acadêmico, em que o pensar e o sentir são entendidos como separados. Falam de outro modo de conhecer que se dá menos pelas extensas leituras e mais pelo aprendizado na transmissão, nas relações em que estão inseridas, ou seja, um saber da experiência. Naquela tarde, partilhar do “viver bem kaingang”<sup>4</sup> me foi um respiro em meio às construções de concreto (que pouco costumam se afetar com as variações de tempo).

---

<sup>4</sup> Angélica Domingos falou em seu trabalho de conclusão de curso sobre o descompasso que sofreu ao estar em trânsito entre o modo de viver-saber kaingang e o modo do saber acadêmico: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/148630?>



No dia seguinte, em outra aula para a qual retorno, estava entrando em sala quando a professora me pergunta “E aí, tem notícias lá...?!”. Sua voz fica ecoando em meu corpo que entra em vertigem até eu entender do que estava falando, porque em um período ainda muito recente, essa pergunta dizia de outra situação. Na volta ao campo de estágio, às aulas, às atividades corriqueiras e corridas, sentia um descompasso, porque a vivência fresca de uma imersão inimaginável em outra cidade não cabia nos espaços das disciplinas e era atropelada pelo tempo da pressa e da tarefa. Sofria ainda com o que tinha acontecido e ainda seguia mareada, sentindo no corpo a desterritorialização provocada pela perda.

Simultaneamente a esse incômodo com as matérias acadêmicas, experimentava uma questão que entendo fundamental para o terreno da psicologia e que se transversaliza nos conceitos<sup>5</sup> que já vinha construindo enquanto psicóloga-em-formação, tanto pela atenção aos modos de viver do presente quanto pelo trabalho no campo da saúde coletiva. Questiono-me: em meio aos tempos da falta de tempo, **é possível ter espaço para sofrer sem que seja necessário adoecer?** Ou seja, é possível ser pressionado por *pathos* sem que seja necessário padecer na ordem do orgânico?

---

<sup>5</sup> Conceitos que são possíveis de serem construídos não só com leituras, mas com o saber da experiência, que se constitui em contexto, nos estágios, atividades de extensão, pesquisa, aulas, mas também com uma postura ética de estranhamento com os modos de viver e de sofrer de nosso tempo, que se fazem perceber em situações cotidianas, conversas de corredor, encontros com amigos, etc.

# *Pathos*

está na ordem daquilo que vem de fora, estrangeiro, e que empurra sem que se possa controlar, trata-se de uma situação que marca uma ruptura, uma descontinuidade na ordem das coisas, sendo algo que se sofre.

A vivência de *pathos* comporta em si uma passividade, uma paixão que move aquele que fica sujeito a ela, um sofrimento que deforma o corpo mas que ao mesmo tempo abre oportunidade para um novo posicionamento, uma transformação, constituindo de certo modo mortes simbólicas e possibilidades de rearranjos de si.

Cercada pela vivência que narrei, o escrever a partir desse sofrimento no âmbito desse trabalho decorreu, primeiramente, de uma impossibilidade de não falar sobre isso dado a simultaneidade temporal do padecimento vivido e da temática de um Trabalho de Conclusão de Curso que estava em processo. O contar se colocou então como atitude de sobrevivência, de modo que a escrita foi se constituindo como uma reação e um *fazer com pathos*.

**Em uma lagoa, quando alguém engole água, logo a água engole a pessoa. O corpo humano, tão cheio de água, não diferencia que não é lagoa, e acaba se deixando penetrar pela água doce, tão parecida com a sua, até também ser mais lagoa do que antes era. A pequenez humana se mistura a essa água toda, passa a pertencer a essa água, assim como a água lhe pertence. Mas em uma lagoa de *pathos*, há que se lembrar que não se é *pathos*. *Pathos* é essa força que vem de fora fazer pressão em quem se é, mas pode ser também a correnteza que facilita uma travessia.**

Nesse sentido, esta escrita de uma viagem que tem como porto de partida uma experiência de queda é uma estratégia e uma tentativa de saída do mergulho nessa lagoa, a qual passa não pela via do adoecimento orgânico (tão comum frente ao excesso cotidiano, haja vista o crescimento de diagnósticos e do consumo de medicamentos), mas por uma tomada de posição de afirmação da palavra na reconstrução de si, **na via mais de uma licença poética do que de uma licença médica para lidar com a fragilidade.**

Sendo assim, nessas páginas marcadas, esta escrita foi-se fazendo ferramenta de bordo para quem navega e de borda para quem cai do barco e é navegado pelas águas. Uma escrita de algo que ainda está em processo, onde o escrever se instaura como parte de uma elaboração em curso, tentativa de desafundar a dimensão do sofrimento individual para trazer à superfície uma história que possa ser compartilhada. Escrita-emergência de um tempo de imersão em que o movimento de decomposição-composição de uma narrativa é uma experimentação que deseja constituir linguagem para aquilo que se me passou, porque o que passou não é passado, mas atual em mim e reatualizado no ato da contação.

Além disso, mais do que as palavras em si, há o **gesto da escrita**. O tempo que se abre em suspensão, se desdobrando sobre outro tempo de suspensão-e-ao-mesmo-tempo-imersão. O corpo que treme **pedindo linguagem aos afetos**. Braços que doem como se estivessem remando-nadando-cavando, mas estão ensaiando palavras. Aí a escrita pode ser um modo de lembrar, mas também de esquecer: posso deixar as palavras passeando na lagoa como patos e sair para fazer outras coisas, me aventurar por outras paisagens...

A experiência aqui contada relativiza, questiona, conversa e passa a fazer marca em um processo de formação em psicologia, no qual entendo que o que está em constituição é mesmo quem vamos nos tornando e a possibilidade de sustentação de uma **posição-presença** que permita a enunciação, posição que implica escuta de si e escuta do outro. A graduação acadêmica foi para mim uma constante de formação-transformação em que me dispus a diversas andanças e tentativas que foram me pondo diferente de mim mesma. Um processo vivido em um regime de *imersão* em estudar-viver-sofrer as possibilidades desse percurso. Agora, no último semestre da graduação, fazia-se o tempo de um trabalho de conclusão do curso, que se desdobra mesmo como um trabalho de concluir e um trabalho de finalização de uma parte de um caminho: uma passagem.

O que estava movendo a escrita era o **pensamento sentido** acerca da presença. Escrita movida pela curiosidade por diferentes **estados de presença** experimentados em contextos com a psicologia, por variações de vibração do corpo sensível, pelo **rastro das ondas** sonoras de uma escuta em mim e em outrem, pelas **modificações** que essas ondas provocam nos territórios existenciais.

Como **corpo-escuta** em processo, entendo que a escuta de que se trata é escuta dos afetos que pedem passagem. É a escuta da pergunta de como viver junto, do conflito entre o infinito virtual e o finito possível. Escuta do sofrimento, que pode paralisar ou convidar a um alargamento da experiência no mundo.

Se, neste aqui-agora, contingencial como outros, minha saída foi reiniciar uma escrita da presença e do presente a partir de um acontecimento pessoal é porque reconheço o quanto de impessoal há nele, o quanto estou falando das **composições singulares, dos arranjos possíveis, dos tensionamentos, das crenças, das angústias, das apostas, das incertezas, das areias**. Esse acontecimento se torna então matéria porque faz vibrar em mim um aprendizado vivo e processual, no qual as referências do percurso com a psicologia participam ativamente como ferramentas na construção de novos territórios de existência.

É também por uma ética recebida e construída em transmissão com a psicologia que me autorizo à ação de **criar formas junto às forças** que me afetam, no modo de um certo rigor de tomar qualquer elemento que faz vibrar o corpo-escuta como matéria passível e possível de reflexão, de problematização. Matéria de vida a ampliar vida.

a r e i a s



Um pouco dos sedimentos que sei que compõem as paisagens dessa escrita. Alguns estão mais desgastados que outros, mas todos formam o volume desses grãos de areia que aqui se tornam palavras-chão.

<p>“Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres”, de Clarice Lispector</p>	<p>“Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, texto de Jorge Larrosa Bondía</p>	<p>“O filho de mil homens”, livro de Valter Hugo Mãe</p>	<p>“Nostalgia da luz”, filme de Patricio Guzmán</p>
<p>“K”, livro de Bernardo Kucinski</p>	<p>Estágio de Processos Clínicos na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS</p>	<p>“Cartografia sentimental”, livro de Suely Rolnik</p>	<p>Músicas do Jorge Drexler</p>
<p>Extensão no Programa Saúde na Escola</p>	<p>“O livro dos abraços”, de Eduardo Galeano</p>	<p>“O narrador”, texto de Walter Benjamin</p>	<p>“Meus desacontecimentos”, livro da Eliane Brum</p>
<p>Estágio de Políticas Públicas na Oficina Geração POA - Saúde e Trabalho</p>	<p>Estágio Básico na UBS Santa Cecília</p>	<p>“A paixão segundo GH”, de Clarice Lispector</p>	<p>“O ensaio como forma”, texto de Theodor Adorno</p>
<p>“René Lourau: Analista institucional em tempo integral”, livro organizado por Sônia Altóe</p>	<p>“Processo de concerto do desejo”, espetáculo de Matheus Nachtergale</p>	<p>“La danza de la realidad”, filme de Alejandro Jodorowski</p>	<p>“Estamira”, filme de Marcos Prado</p>
	<p>“O que se move”, filme de Caetano Gotardo</p>	<p>Pesquisa-intervenção “Saúde mental na atenção básica”</p>	<p>“Elena”, filme de Petra Costa</p>
		<p>“Rizoma”, texto de Deleuze e Guattari em “Mil Platôs” (vol. 1)</p>	<p>Os road movies</p>

A large flock of birds, likely terns, is captured in flight against a vibrant blue sky filled with wispy white clouds. The birds are scattered across the frame, some in sharp focus and others as small silhouettes. The overall scene conveys a sense of freedom and movement.

agradecimientos

Mario Quintana tem um escrito que vem me acompanhando e que vem bem aqui. Diz ele:

*No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas  
que o vento não conseguiu levar:  
um estribilho antigo  
um carinho no momento preciso  
o folhear de um livro de poemas  
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...*

Vim falando sobre os ventos, sobre as ondas, sobre as areias, e junto a essas paisagens, são fundamentais as companhias.

Agradeço, em especial, às companhias que me são e com quem posso ser palavra-sopro, olhos brilhando, sorriso, dança, estranhamento, poema compartilhado, aconchego, multiplicidade, leveza que relativiza a gravidade. Certamente, as marcas que cada um faz com sua presença o vento não consegue levar.